

A Revolução de Abril e o Portugal de Hoje

(José Brinquete)

Caros camaradas e amigos!

Pertencemos àqueles que participaram activamente nos tempos exaltantes de luta e esperança, na defesa da Revolução de Abril e na consolidação do Regime Democrático. Àqueles que deram expressão prática à Aliança MFA/POVO e POVO/MFA.

Servimos a nação na Marinha de Guerra Portuguesa entre o 25 de Abril de 1974 e o golpe contra-revolucionário do 25 de Novembro de 1975. Militares progressistas que em 25 de Novembro foram expulsos da Marinha, procurados e inquiridos por elementos da Polícia Judiciária Militar.

Somos, assim, parte de um grupo de Marinheiros que prestando o serviço militar obrigatório não tiveram a oportunidade de prosseguir a sua vida militar, porque foram saneados sem qualquer acusação a não ser aquela que foi apensada ao Processo e que é a seguinte: **“Acontecimentos do 25 de Novembro – Elemento que concorreu para a instabilidade geral”**.

O crime que cometeram foi aderir ao 25 de Abril, pertencer às estruturas político/militares da Marinha e do MFA. Promover o Associativismo, reivindicar e defender os interesses da classe de praças da Armada, criar o Jornal mensal “O RUMO”, o programa semanal de Rádio “A VOZ DA ARMADA”, e dinamizar inúmeras acções culturais como a abertura de bibliotecas em muitas Unidades (de terra e mar), a realização de conferências, palestras, acções culturais, etc.

Pela vida fora viverão com o “estigma” de não terem condições para servir a sua Pátria, nas Forças Armadas, porque estiveram com a Revolução de Abril!

A Pátria portuguesa tem de assumir esta dívida para com estes cerca de 350 Marinheiros, que foram expulsos de forma arbitrária, sem que tenham tido a oportunidade, muitos deles, de seguirem a vida militar.

Meus amigos!

No passado dia 12 de Setembro, deu-se o Lançamento do Livro “A REVOLUÇÃO DE ABRIL, Praças da Armada”, no Feijó, e, para nosso espanto, os acontecimentos aí relatados e o papel inestimável da CDAP – Comissão Dinamizadora do Associativismo das Praças da Armada não eram do conhecimento de muitos dos presentes. Historiadores, que

A Revolução de Abril e o Portugal de Hoje

(José Brinquete)

participaram no evento, afirmaram “**esta obra permite um olhar novo, pois a historiografia do 25 de Abril não aborda este grupo sócio-profissional**”.

Mas o que mais espanta é o facto de a memória ser tão curta e, os rios e oceanos de trabalhos publicados sobre a Revolução de Abril ignorarem e omitirem, quase sempre, elementos essenciais de observação e análise.

Sim porque, por exemplo: o Capitão Salgueiro Maia não veio de táxi, de Santarém para o Terreiro do Paço, com ele vieram, de forma voluntária, mais de duas centenas de soldados.

Caros amigos!

Há sempre várias formas de abordar “A Revolução de Abril e o Portugal de Hoje”! O tempo disponível não permite avançar para outras análises. Os diagnósticos existem e em abundância. As propostas também não faltam. E porque, o essencial, é ter sempre um olhar prospectivo (crítico e construtivo) deixo-vos algumas interrogações:

1. Portugal rectângulo com pouco mais de 99 mil quilómetros quadrados, com uma população a rondar os 10 milhões de habitantes (tantos como muitas cidades de alguns países), terá justificação aceitável para ser um país a várias velocidades?
2. Portugal um dos países com mais mar, com uma das maiores costas marítimas europeias e águas territoriais atlânticas tem sabido utilizar este seu recurso estratégico?
3. Será o sistema produtivo e o aproveitamento dos recursos nacionais fundamentais à independência nacional?
4. Como situar nas prioridades nacionais o Ensino, havendo milhares e milhares de jovens com cursos superiores no desemprego ou na emigração?
5. Quem são os responsáveis políticos pelo facto de o país se defrontar com a seguinte realidade: uma faixa interior que vai de Trás-os-Montes até à Serra Algarvia com um sério e gravíssimo problema de despovoamento e de ausência de serviços públicos mínimos?
6. Precisamos de uma política de território mais exigente, que combata o ordenamento concentracionário e as assimetrias, que promova efectivamente a descentralização, o ordenamento do território e o desenvolvimento regional?
7. A não implementação da Regionalização corresponderá a uma grave violação da Constituição da República Portuguesa?

A Revolução de Abril e o Portugal de Hoje

(José Brinquete)

8. Com as assimetrias conhecidas estará em causa o imperativo Constitucional da «Unidade e Coesão Nacional»?
9. Haverá democracia enquanto o acesso à saúde, ao ensino e à justiça for violado e, forem desrespeitados os princípios de igualdade estabelecido constitucionalmente?
10. E por último, Portugal vive, efectivamente, num Estado de Direito, como alguns afirmam?

Inspirados no alto patriotismo do General Vasco Gonçalves, cabe-nos a nós a tarefa, difícil e complexa mas ao mesmo tempo aliciante, de contribuir para a construção da Alternativa Política Patriótica de Esquerda.

Muito obrigado pela atenção dispensada!

ABRIL VIVERÁ!